ENTRELER

ANO I - Nº 1 - RIO DE JANEIRO - DEZEMBRO - 1994

Maria Luiza Lucci analisa a situação do professor e os desafios que ele enfrenta para despertar nos alunos o gosto pela leitura. Páginas 3 e 4.



Seis livros, lançados há pouco tempo, são boas opções de leitura para quem entra em férias. Páginas 12 e 13.

Qual a situação da leitura no Rio de Janeiro? Duas pesquisadoras, Sonia Krammer e Solange Jobim, falam disso nas páginas 14 e 15.

Em entrevista ao jornal Entreler, Francisco Gregório Filho, coordenador do Programa Nacional de Incentivo



à Leitura, faz um balanço de dois anos de atividades e anuncia novos projetos e ações a serem desenvolvidos a partir de 95. Páginas 5, 6, 7, 8 e 9.

Digitalizado com CamScanner

EDITORIAL

Há dois anos sonhamos com a possibilidade de manter um diálogo permanente com profissionais da educação, que somos todos nós: pais, bibliotecários, animadores culturais e pedagogos, que temos um compromisso feliz com a leitura e consciência da importância de sua prática para a construção da cidadania.

Tendo como referência o *Hojas de Lectura*, que Silvia Castrillón aperfeiçoou na Colômbia, damos nosso primeiro passo para estes encontros bimestrais com todos aqueles que, envolvidos ou não com o ***Proler*** (Programa Nacional de Incentivo à Leitura), se interessem pela questão da leitura.

Nestas rápidas páginas, queremos suscitar o prazer de ler sobre a leitura com pequenas dicas e reflexões que permitam a cada leitor qualificar sua prática ou sua ação em favor de outros leitores. O tom de diálogo aberto quer mesmo suscitar correspondências e estimular a produção de textos que possam vir a compor este ***Entreler.***

Em princípio, um artigo, uma entrevista, recomendações de leitura e informes sobre o que se passa na área aparecerão de dois em dois meses. A publicação estará a cargo da ***Casa da Leitura*** e conta com o apoio de agências financiadoras governamentais para impressão e distribuição à rede de escolas urbanas do país, além da rede de profissionais que faz articulações com o ***Proler.***

Eliana Yunes
Francisco Gregório Filho

GOVERNO DO BRASIL
PRESIDENTE
Fernando Henrique Cardoso

MINISTÉRIO DA CULTURA
MINISTRO
Francisco Weffort

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL
PRESIDENTE
Affonso Romano de Sant'Anna

PROLER/CASA DA LEITURA
COORDENADOR
Francisco Gregório Filho

ASSESSORA ESPECIAL PARA POLÍTICA NACIONAL DE LEITURA E CHEFE DA DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES DO PROLER
Eliana Yunes

O Jornal Entreler é uma publicação do Proler/Casa da Leitura

Conselho Editorial
Eliana Yunes
Carina Bandeira
Maria Luiza de Almeida Lucci

Editores
Maria Luiza de Almeida Lucci
Carina Bandeira

Projeto e Edição Gráfica
Sandra Medeiros

Ilustração
Lula

Patrocínio
FNC
Finam
Finor

A correspondência endereçada ao Jornal Entreler deve ser enviada à Casa da Leitura

Rua Pereira da Silva, 86
Laranjeiras 22221-140
Rio de Janeiro/RJ
Tel.: (021) 205-9497
Fax: (021) 205-9625

Digitalizado com CamScanner



E A INTIMIDADE, PARA ONDE FOI?



Maria Luiza Lucci

Não é novo ouvir dizer que a Escola no Brasil não tem conseguido despertar em seus alunos, de um modo geral, o tão comentado gosto pela leitura do texto escrito. Também não é novidade que a "culpa" recaia em um "professorado mal formado e que precisa se reciclar", numa referência a um corpo amorfo, assim como se diz: "o povo é assim", o "povo não é assim", mas quem é "o povo"? Nós, professores, já fomos indivíduos com missão de ensinar, longe de pensar em remuneração digna para quem devia guiar, catequistas etc, hoje, profissionais do ensino. E aí nos encontramos numa difícil encruzilhada de fim de milênio, lembrando-nos do primeiro projeto educacional desenvolvido no Brasil, quando aqui aportou Tomé de Souza. E mais, de todas as heranças burguesas da escola.

Muito tem sido investido na capacitação de professores. Para que servem tantos cursos de reciclagem, atualização, qualquer que seja o nome, oferecidos com o intuito de "capacitar mais" o professor para que haja melhoria na aprendizagem do aluno? Em princípio para acharmos que não sabemos de nada, nunca. (Vide: GERALDI, J. Wanderley. *Portos de Passagem*. Martins Fontes, 1991). E são tão soltos, "descosturados", prontos, às vezes, em pacotes fechados que já não permitem reflexões viáveis para realidades sociais tão diferentes nesse país. E sobre a questão da leitura temos acumulado teorias e mais teorias, às vezes, não "digeridas" e que são aplicadas.

O que a escola de 1º e 2º graus já fez em matéria de ensino da leitura, todos nós sabemos. Mas o que faz hoje? É preciso observar que, como a vemos agora, a escola é plural e nós não somos um professorado incompetente que age dessa ou daquela forma. Existem professores descobrindo caminhos de ensino, independentemente das adversidades da profissão e da própria instituição que, às vezes, teimam em nos tentar à desistência. Enfim, andamos, ora errando, ora acertando no trabalho de ensinar e especificamente no que diz respeito à leitura.

O que acontece com uma criança que entra para o pré-escolar gostando do contato com o livro — pega, manuseia, pede a alguém que conte histórias, ouve — e "de repente" passa a não mais gostar dos livros? Será possível que a escola seja realmente um entrave para que uma criança e um jovem consigam buscar um livro, descobrindo que ler pode realmente ser um prazer?

Sabemos que toda criança tem um imaginário rico e pode enriquecê-lo cada vez mais. Toda criança ama histórias, tem prazer em ouvir, também de contar as suas próprias, reproduzir o seu dia-a-dia, inventar, representar, enfim, toda criança, onde esteja nesse mundo, tem muito a dar e a receber e o seu contexto sócio-histórico permitirá ou não o desenvolvimento dessas potencialidades.

A Escola, pela sua face burguesa que lhe delegou o poder da formação de crianças, calcada na veiculação de seus valores e de um saber dirigido, tem, ainda hoje, na vertente brasileira, sentido dificuldades profundas para entender que o saber deveria ser construído. Acredito que, para isso, a compreensão do que pode ser o *ensino da leitura* seja fundamental.

Nesse ponto é que penso na contribuição que a *leitura do texto literário*, feita por alunos e professores, pode trazer para despertar o gosto pela leitura e para a própria compreensão da atividade de ler. Encontro-me refletindo que já erramos muito quando, da literatura (sem querer agora discutir o seu estatuto, o que é ou não é literatura), de fonte inesgotável de imaginário, de prazer estético, saber cultural e incontáveis possibilidades de intervenções do leitor, fizemos uma área de cobranças na escola, entre perguntas e respostas, recalcando uma leitura que, ao lado de outras, de textos diversos da cultura, poderia abrir para insuspeitadas regiões de vivência de auto-(re)conhecimento e de identificações sociais. Com isso, jogamos fora uma excelente oportunidade de troca de experiências culturais, artísticas e afetivas. E essa troca não é um momento da leitura pelo qual esperamos?

Que a leitura do texto literário pode permitir tudo isso já sabemos. O que nos interessa agora é exatamente a perda desse inesgotável material, diluído no ambiente escolar, e que não marca presença efetiva na *travessia* que faz o aluno, da vida que tinha antes da escola para a vida dentro dela. Esse importante período, por algumas escolas, é observado, mas, na maioria, a criança realmente sofre um impacto nessa fase.

Quando enveredamos por qualquer travessia que seja, sabemos quão difícil será. É o contato de um universo conhecido, o que já trazemos de conhecimento de vida, com outros universos que vamos aprender a conhecer e organizar para nossa integridade física e psíquica. Empreendemos *passagens* para nos salvarmos e nos reconstruirmos. Observo, então, que uma das questões que nós, professores e escola, poderíamos repensar é exatamente a de como proporcionamos aos alunos *essa travessia* – do mundo infantil feito de gratuidades e fantasias para o das cobranças rápidas e às vezes autoritárias. O investimento no *contar histórias* e na *leitura das histórias* – mundo já tão próximo das crianças – muito poderia ajudar.

Na verdade, as crianças que tiveram uma vivência de ouvir histórias ou de livros de histó-

Digitalizado com CamScanner

rias com pais, avós, tios, amigos, quando iniciam a vida escolar, sentem o impacto da perda da *intimidade* que esse contato proporcionava. Essa é uma época em que recebiam a fantasia "gostosa", plenamente casada com o seu imaginário em explosão. E também as que liam e lêem sozinhas as suas histórias encontram a intimidade consigo mesmas, dirigindo-se como quiserem. Já nos falou muito bem sobre essa intimidade Daniel Pennac em *Como um romance* (Rio de Janeiro, Rocco, 1993).

Enfim, como se sentirá uma criança quando perceber que, na escola, "de repente", as histórias já não vêm gratuitas para que possa explorar seus mundos e o mundo ao redor? Acredito que a colocamos diante de um impacto: do prazer que vinha pelo ouvido, pelo olhar e enchia a imaginação de bichos falantes, reis, rainhas e muito mais, para um mundo onde a carteira escolar, a sala fechada, o olhar e o gesto do professor mandam calar para aprender. Aprender que o texto diz isso, aquilo, que a resposta certa para a pergunta é essa. Ainda lembrando Daniel Pennac, recordo-me de algumas experiências narradas por pessoas conhecidas: na sala de aula, a cada parágrafo de leitura de um texto, vinha a pergunta, o que você entendeu? No melhor momento da história, quando se queria saber como a princesa se casaria com o príncipe. Daí em diante, a criança já não queria saber de mais nada. Não queria "compreender", queria "viver" a história.

Se quisermos realmente despertar o gosto pela leitura, talvez devêssemos repensar o fato de que a maioria das escolas torna-se, para os iniciantes (e, às vezes, até mais tarde), o local da cobrança, da inculcação da "ideologia da incompetência" — expressão usada por João Wanderley Geraldi (ob. cit.), referindo-se à formação de professores, e aqui, usada em outra situação. É realmente a incompetência o que a criança vivencia quando não sabe responder o que o professor espera dela e daí está a um passo de se fechar para os livros, para a escola e, por que não, para a vida.

Da mesma forma, para os que nasceram no berço da rua, e não tiveram família lendo ou contando histórias, a escola deveria proporcionar a vivência da fantasia do rico imaginário infantil e da que não lhes foi permitida vivenciar e com ela experimentar novos mundos de construção dos saberes, sem o impacto inicial do bombardeio de "O que você compreendeu?", "Dê a resposta correta". As crianças que tiveram contato com livros e histórias antes da escola e também as que não tiveram sofrem a pressão de uma mudança radical pela perda de imediato da intimidade que viviam consigo mesmas e na troca com alguma voz que lhes contava histórias vindas de algum lugar.

Se enveredamos por essa linha de pensamento, alguns caminhos podem ser construídos e aqui ainda me reporto a Daniel Pennac. Por que não lemos mais para nossos alunos? Contos, poemas, novelas, romances. Ler e ler, mantendo um descompromisso que não é descompromissado. Se descobrimos o prazer de ouvir e ler, todo o resto virá por acréscimo e o tão cobrado programa por séries virá ao sabor do prazer. Perguntas irão surgir e aí, *nós, professores, começaremos a responder.*

Poderíamos ouvir de alguém: "mas ler só, não é dar aula". O que é dar aula de leitura para pequenas crianças que se iniciam no trajeto escolar? Esse é um ponto que precisamos nos perguntar. E enfocar essa questão não significa que estejamos pensando que ler se dirige apenas ao texto escrito. Todos nós sabemos da importância da atividade de leitura de diferentes linguagens, da interação com o nosso mundo extremamente visual, quando a imagem nos abre o dia e nos fecha a noite, diariamente perpassando e construindo o imaginário. Mas, nesse momento, falo da leitura do livro que se nos abre à frente, páginas e páginas, pelo qual passeamos para frente e para trás, guiados pelo nosso desejo. Desse livro, do qual tantas vezes tivemos a morte anunciada. Na nossa cultura, pelo menos, no estágio em que estamos, as outras linguagens não o mataram - convivem e até o renovam.

É esse livro que a escola tem nas mãos e o de "histórias", aquele que "diz parecendo não dizer", que nos incita o intelecto, a emoção, o desejo; esse pode "dizer" muito para despertar o prazer de ler. Por que, na escola, só conseguimos pensar na leitura de um livro junto a tão diversos aparatos, infindáveis materiais que sempre correm paralelamente ao livro, usados para "despertar o prazer de ler"? As tintas, papéis e tesouras são muito importantes na escola para o desenvolvimento das crianças, mas daí a aparecerem *sempre* como materiais "colados" aos livros é ponto a se pensar. Será que ler e contar histórias para as crianças, até quando podem ler sozinhas, não são vias de acesso pela fantasia que se faz no imaginário? Por que não permitimos, sem procurar "explicar", que a criança, na escola, pela voz do professor, preencha os vazios que o texto vai deixando. E o professor responde o que for perguntado. Ler e ler se faz em tempo longo, no "descompromisso" de ouvir, contar, falar se quiser, e, por que não, apenas ficar quieto.

A *travessia* é longa e requer de nós, professores, caminhos outros que não são os que nos têm dado alguns currículos escolares. E ler para/com nossos alunos deveria, sim, continuar pela vida afora do primeiro e segundo graus, junto ao contar histórias. Esse é um desafio; mas desafios sempre foram elementos vivos na trajetória de um professor. Resta-nos a (re)construção de novas vias para a *leitura*, que não serão cômodas, naturalmente, construídas na experiência de cada um, com a certeza de que não há "receita". Por outro lado, acredito que, se as experiências se juntarem, possibilidades aparecerão, pois não se pode perder de vista o fato de que somos uma coletividade. Sabemos também que quaisquer que sejam as propostas que tenhamos, elas estarão continuamente em mudanças – o que é saudável. **(Rio de Janeiro, junho de 1994)**

Maria Luiza Lucci é doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa – PUC/Rio – Assessora Técnica do Programa Nacional de Leitura – Proler / FBN.

Digitalizado com CamScanner

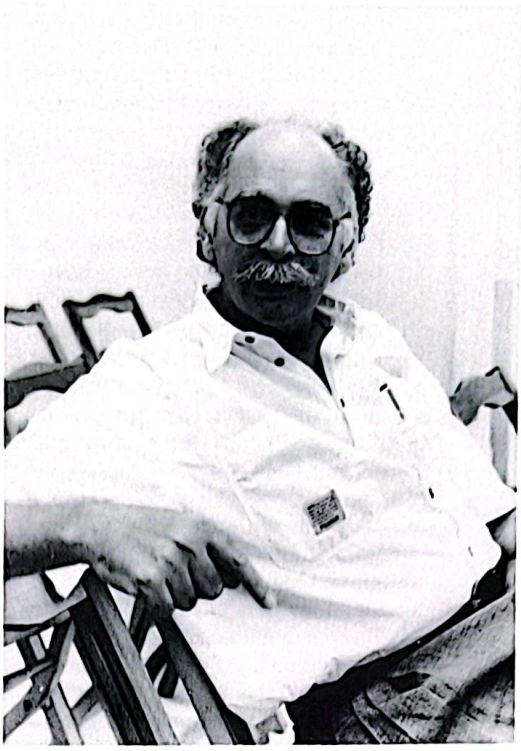
E - Gregório, eu gostaria que você fizesse um balanço das realizações do Proler pelo país. À frente do Proler você visitou muitas cidades, de muitas regiões. Este é, de fato, um programa que tem apresentado resultados?

G - Tenho percorrido o país, tenho visitado alguns estados, algumas cidades, entrado em contato com instituições, pessoas... Há, no país, um movimento que, embora não se caracterize como movimento organizado, mostra iniciativas de promoção da leitura. Iniciativas isoladas. Seja através do professor da escola, de um determinado bibliotecário, ou de grupos de voluntários que trabalham com a promoção da leitura junto a populações confinadas. Encontro muitas iniciativas, experiências, ações em torno da promoção da leitura, mas essas ações, essas iniciativas, não são articuladas. Um dos nossos papéis tem sido esse: promover o encontro dessas experiências, de articulações entre elas. O intercâmbio, a troca, para que as pessoas se sintam integradas a um movimento maior, nacional e percebam que seus trabalhos são importantes. São diferentes e não menores. Integrando-se, colocando experiências em debate vão promover o enriquecimento de outros. Às vezes, numa cidade pequena, no interior, há vários trabalhos em realização e que não se conhecem...

E - Dentro da própria cidade?

G - Dentro da própria cidade. E a presença de uma pessoa, de um agente externo, possibilita uma troca, uma conversa. Isto não significa que essas pessoas, essas experiências perderão as suas identidades. Elas vão se fortalecer e crescer, superando algumas dificuldades, encontrando alternativas para a superação de problemas que alguns estejam enfrentando... Essas são tarefas do Proler. E são tarefas muito ricas. Conhecemos experiências singulares. E às vezes essas experiências têm o esforço de uma pessoa. Às vezes uma só pessoa faz o movimento. E você não pode dizer que é semelhante a outro, que foi copiado. E ele é singular e essa pessoa sozinha articula, mobiliza. Ela é provocadora. E por ser provocadora a ação vai perpassando, permeando as questões da leitura e da cidadania... o papel de cada pessoa no seu bairro, na sua cidade... As suas relações com o social. As suas relações afetivas, em casa, no trabalho, no grupo. E esse é um trabalho de educação, de qualidade, que não se encontra nos estabelecimentos educativos, mas nessas iniciativas isoladas.

E - Você poderia citar uma dessas iniciativas?



sérgio cardoso

Francisco Gregório Filho coordena o Proler

LEITURA, UM DIREITO DE TODOS

G - Este é um pecado... citar, lembrar-se de uma, não se recordar de todas... Poderíamos dizer dos vários grupos de voluntários que desenvolvem uma ação de promoção da leitura com populações confinadas: em penitenciárias, em asilos, em centros de recuperação, com crianças nas ruas... com grupos que vivem excluídos do convívio social. Grupos que trabalham em favelas, em áreas de extrema carência, percorrem essas áreas num esforço próprio, com cestas de livros, sacolas com livros, caixotes com livros, mochilas. Pessoas que vão com suas bicicletas... Há pessoas batendo de porta em porta e há uma resposta a isso.

E - São experiências que nunca chegam ao nosso conhecimento...

G - E há também profissionais de instituições diversas que trabalham voluntariamente em centros comunitários, centros paroquiais, sindicatos, associações de classe. Ainda encontramos professores, bibliotecários ou auxiliares de biblioteca, leitores que, apesar das adversidades sociais, desenvolvem, isoladamente, uma relação de afeto com os leitores, em tradicionais espaços da sociedade – escola e biblioteca – possibilitando a ampliação de repertórios e o contato desses leitores com as suas próprias leituras e as leituras do outro.

E - O Proler atua apenas coordenando e disseminando a leitura ou é, também, mais um programa distribuidor de livros?

G - O Proler não distribui livros. Não doa livros. O que o Proler faz é incentivar a montagem, a criação e ampliação de acervos. O trabalho que nós fazemos, essencialmente, é o de assessoria para dinamização de acervos. Alguns prefeitos nos procuram querendo doação de livros. Eles dizem que não podem comprar 100 mil livros. E a pergunta que nós fazemos é: "Quantos livros você pode comprar por mês?" Algumas prefeituras estão comprando 10 títulos por mês, 10 exemplares de cada título. Chegará ao final do ano com 120 títulos e 1.200 exemplares.

E - É um acervo considerável.

G - É um acervo que dá para fazer um trabalho de promoção da leitura. E quanto à idéia de que os administradores, para promoverem a leitura, têm que construir prédios, gastar dinheiro em cimento, tijolos... Nós não estamos dizendo que não é importante a construção de espaços físicos que abriguem esses acervos e ofereçam conforto aos leitores. Nós consideramos isto importante, mas, em algumas regiões brasileiras, onde a carência é muito grande, podem ser procuradas outras alternativas. E há prefeitos criativos: estão construindo mercados públicos e no meio um coreto de leitura; outros estão incluindo, nos seus projetos de rodoviárias, uma sala de leitura... Há secretarias de saúde que, nos postos de saúde, mantêm uma caixa de livros da sua área, mas também de ficção. Temos estimulado essa movimentação em torno dos acervos. As bibliotecas-volantes, carroças, charretes e motocicletas-bibliotecas pelas ruas dos bairros... Ônibus, caminhões, kombis, canoas, barcos... E há o convênio com a Rede Ferroviária Federal para estabelecimento da circulação de vagões-bibliotecas.

E - Em que regiões haverá isto?

G - Ah!... Possivelmente na região Sudeste toda. E mesmo num trem de carga. É possível anexar aos vagões usados para o escoamento da produção local, do minério, um vagão - biblioteca que vá parando. Eles serão estimuladores para professores, bibliotecários... Este é um projeto que está com a Rede Ferroviária Federal e o convênio já foi assinado com a Biblioteca Nacional. A Rede estaria colocando dois vagões inicialmente. Temos notícias de que já estão sendo reformados. O vagão da leitura vai conter livros, filmes, vídeos, fotografias... Os dois primeiros deverão funcionar no percurso Rio-Minas Gerais (até Mariana) e Rio – Espírito Santo, até Vitória.

Também iniciamos um contato com a Marinha. Os barcos-escola que ela mantém na Bacia Amazônica e do São Francisco passariam a dispor, também, de bibliotecas.

Digitalizado com CamScanner

E - O Proler criou também um programa de rádio?

G - O Proler não é um programa que se propõe a sair pelo Brasil executando. É um programa que tem o papel de articular, assessorar, ouvir as propostas, as idéias. Nesses contatos nós temos tido algumas surpresas.Tínhamos a idéia de trabalhar com a mídia, mas não tínhamos recursos... E hoje temos um programa de rádio do núcleo do Proler em Jequié-BA, que conta com a participação de enfermeiras, bibliotecárias, professores. É patrocinado pelo comércio local e tem tido uma grande repercussão na região. E em Itapetinga nós temos notícia de um jornal diário que abriu o seu suplemento, duas vezes por semana, para a leitura... Quem elabora esse suplemento é o comitê local do Proler.

Itapetinga fica também na Bahia, na região onde nós começamos o trabalho de parcerias – a região de Vitória da Conquista, com a Universidade do Sudoeste da Bahia. De lá o programa irradiou-se e hoje trabalhamos com 19 cidades. Há ainda serviços de auto-falante com leitura de poemas, contando histórias. Há um serviço volante de auto-falante que circula pelas ruas, anunciando as novidades, lendo, falando dos livros, da leitura...

E - O Proler age como elemento estimulador.

G - Estimulador. Propicia um entrosamento. Promove o entrelaçamento de ações e das pessoas envolvidas.

E - Em Cachoeiro de Itapemirim, no Espírito Santo, a prefeitura colocou uma impressora manual numa praça, para ser usada pelos poetas...

G - As notícias são tantas... A cada viagem vamos encontrando iniciativas ricas, criativas. Cresce no país o número de casos de praças públicas, principalmente em bairros, com livros para serem emprestados, círculos de leitura, contação de histórias.

E - Os livros são devolvidos?

G - São... As crianças são as estimuladoras dos pais. Elas vão às praças, pegam os livros, levam os pais, que também passam a pegar livros.

E - Parece que a experiência mais rica tem sido fora das escolas.

G - Há experiências ricas nos espaços escolares. O que se percebe é que, como o espaço escolar poderia ser mais dinâmico e as experiências ali são reduzidas, elas não saltam aos olhos como as outras. Encontramos professores dinâmicos, criativos, principalmente, na rede municipal. De um modo geral, na escola, a leitura é apenas mote para estudo da gramática, o que não permite a descoberta do prazer de ler. Em algumas escolas, a leitura é obrigatória, é dever para se conseguir nota. E o aluno vai ler sempre concordando com o que o professor lê. As escolas estaduais são grandes inibidoras da difusão do gosto, do prazer de ler. A escola municipal também é inibidora, mas os nossos parceiros mais constantes, mais comprometidos, são as prefeituras, secretarias municipais de educação. As prefeituras são mais sensíveis, mais interessadas, colocam recursos. Com os estados... A maioria quer assinar convênio. Os estados estão preocupados com o protocolo, mas não têm um comprometimento... Nós temos parceiros estaduais comprometidos, mas a maioria ficou no papel, tratando das formalidades e vendo a leitura como evento, não como uma ação sistemática. E pesa muito a questão política, os grupos partidários ligados a quem está no poder. Às vezes isto determina até a exclusão de municípios, o que é muito desagradável. É possível que, com os novos governadores, os novos secretários estaduais, possamos ter parceiros com maior comprometimento.

E - Há mais ou menos 3 décadas, em Minas Gerais, as escolas mantinham clubes de leitura em cada sala de aula. Eles se renovavam, mudavam de nome anualmente. Isso não existe mais. As crianças agora parecem querer fugir da leitura. Por quê?

G - Mesmo em Minas Gerais você ainda encontra escolas com esse trabalho, mas a escola pública ficou muito empobrecida. Também as particulares entraram numa outra ótica de educação e compartimentaram muito o estudo. Com pouco tempo dedicado à leitura, à literatura. Raramente você encontra leitura de dramaturgia numa escola, no primeiro, segundo e terceiro graus. É difícil encontrar um universitário, estudante de Direito, Medicina ou Arquitetura, que leia a dramaturgia de Sófocles, Eurípides, que leia Shakespeare, Calderón de la Barca, Lope de Vega etc, mesmo que algumas escolas trabalhem privilegiando o que elas chamam clássicos, que são os escritores mortos. Dos contemporâneos a escola tem muito medo. Os autores vivos circulam muito pouco. Os livreiros até comentam que diretores, coordenadoras, supervisoras de escolas vão a eles perguntar qual autor não fala de sexo, política e religião, para que a escola possa adotar seus livros. Eles fazem uma filtragem, uma censura. Mas há escolas que trabalham de maneira diferente.

Há uma história que eu ouvia muito, principalmente das bibliotecárias: "Nosso acervo não é atualizado". Esse era o motivo por que não podiam fazer programas de leitura. Aí eu comecei a perguntar: "O que é acervo atualizado?" Eu via nesses acervos Monteiro Lobato, Artur Azevedo, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Cecília Meirelles e outros. Então começamos a dar atenção a esta preocupação com o acervo: "É possível trabalhar com os clássicos, com os mortos, com os vivos. Eu cheguei a pegar uma biblioteca, com um grupo de bibliotecários, abrir um livro velhinho, do Artur Azevedo, ler um dos contos e eles se emocionaram. E perceberam que tinham um tesouro ali... e achavam que estavam 'defasados'...

E - Quem cuida dos livros não conhece os livros. É só um funcionário burocrático.

G - É. Encontramos hoje alguns bibliotecários leitores, mas é raro. Hoje nós temos, no Brasil, 3.800 bibliotecas públicas, federais, estaduais e municipais. Mais aproximadamente 3.000 privadas: do Sesi, Sesc, sindicatos, instituições e entidades. Mais 900 bibliotecas universitárias. É um número muito pequeno para o tamanho do Brasil. Mas já seria significativo, se nós encontrássemos essas bibliotecas aparelhadas com recursos humanos, leitores, mas infelizmente só uma pequena parcela deste montante trabalha com a questão da leitura de forma criativa e dinâmica. A maioria é desaparelhada de recursos humanos. Não têm qualificação, não são leitores. Isso compromete. O grande aliado para a promoção da leitura, no país, é o bibliotecário. É esse corpo de bibliotecários, no país, que nós temos que conquistar. É um desafio para o Proler conquistar esse profissional, para que ele descubra o prazer de ler e aí se torne, também, um promotor da leitura. É preocupante, porque, visitando algumas escolas formadoras de bibliotecários, nós percebemos, em conversa com professores e coordenadores, que hoje o mercado está inclusive colaborando para o desvio da função social do bibliotecário. Hoje ele está sendo convidado para o trabalho de centros de documentação que, na maioria dos casos, é um trabalho de arquivo. Pequenas, médias e grandes empresas estão contratando bibliotecários para montarem os seus centros de documentação, que são arquivos. O bibliotecário fica acomodado, arquivando, catalogando, indexando documentos. E o grande papel do bibliotecário, de formador de leitores e difusor da leitura, do livro,

Digitalizado com CamScanner

fica em falta. As grandes cidades reúnem um grande número de bibliotecários e o interior fica sem. As bibliotecas públicas, em sua maioria, têm apenas auxiliares atendentes que fizeram um cursinho de três dias, uma semana. Pessoas que não são leitoras e passam a tratar o livro como objeto. Limpam-no muito bem, guardam-no muito bem, mas os leitores não têm acesso a ele.

E - Qual o resultado da não difusão da leitura? Percebe-se que houve um empobrecimento imenso da fala, do escrever, da cultura do brasileiro das últimas gerações. Você vê placas públicas com erros, textos de pessoas que concluíram o 3° grau, com erros. Existe ligação entre o não ler e o não saber escrever e falar?

G - A maioria das escolas tem tratado a leitura como gancho para o estudo da gramática e não tem possibilitado o banquete da leitura, não tem possibilitado que o aluno escolha seu livro, troque de livro, fale das suas leituras... A escola trata a leitura por série. Se você está na quinta série, você lê esse livro. Você lê José de Alencar. Se você está na sexta, você lê Dom Casmurro. Se tá na sétima lê... Vai compartimentando, tirando esse contato do aluno com a alegria, com a escolha e vai oferecendo só os conteúdos gramaticais. Eu não sei. Eu tenho conversado com os educadores do país, professores que concluíram a sua trajetória escolar, alguns até com pós-graduação. E o que eu vejo é que, como eu, poucos sabem fazer concordância verbal. A escola me inibiu e até me assustou no meu contato com os livros, com os contos... Eu tinha que estudar gramática. É difícil encontrar hoje um professor que consiga aplicar, corretamente, na sua fala, as regras que ele tanto exige dos alunos. Quando você vai conversar com os profissionais das diversas áreas, você não percebe a correção. E a escola ainda permanece, continua com a exigência do estudo gramatical em prejuízo da leitura. Não percebeu que o contato com a literatura pode trazer o conhecimento de forma muito mais prazerosa e enriquecedora.

E - Gregório, que setores da sociedade já se deram conta da importância do Proler?

G - Tem sido grande a procura, aqui no Proler, na Casa da Leitura, de empresas. Nacionais e multinacionais. Representantes dessas empresas nos procuram com informações de que seus profissionais, mais competentes, estão cotidianamente se acomodando, demonstrando um certo desânimo,


Sérgio Cardoso

Digitalizado com CamScanner

uma certa dificuldade nas relações sociais e estão localizando uma falta de espaço para a criatividade. E consideram que a leitura pode contribuir para suprir essas faltas. Nós temos recebido grupos de advogados, arquitetos, trabalhadores da informática, médicos, jornalistas, psicanalistas, todos interessados em um trabalho conjunto com o Proler. Também alguns sindicatos de trabalhadores , associações de moradores; os escritores estão se apaixonando pelo programa.

E - E a Casa da Leitura? Você diria que é uma base do Proler, instalada no Rio de Janeiro?

G - É a base do Proler, é a sede, que fica em Laranjeiras, mas não é só do bairro Laranjeiras. É da cidade do Rio de Janeiro, mas não é só da cidade do Rio de Janeiro. Fica no estado do Rio, mas não é só do estado do Rio. É do Brasil. Nós recebemos delegações do país inteiro, das várias regiões, e aqui é o centro irradiador do trabalho do Proler. Nós recebemos e nós também saímos. Procuramos as pessoas nos lugares onde elas estão. E um dos trabalhos que a Casa vem desenvolvendo é a montagem do Centro de Referência e Documentação, que passa a oferecer referência das experiências de todo o Brasil para as várias pessoas interessadas. É um núcleo de contato com o Brasil e até fora do Brasil. E a Casa também é um centro de atividades de práticas leitoras. Aqui o leitor encontra uma programação diversificada, atividades abertas a qualquer pessoa. O interessado poderá participar das atividades e até sugerir outras. Também a Casa é um centro permanente de capacitação de recursos humanos na área da leitura. E aqui se trabalha com essas atividades, inclusive promovendo oficinas de leitura, de contadores de histórias etc. E esse trabalho também é realizado fora da Casa e do Rio de Janeiro. Num país onde a sociedade não é leitora, a distribuição, a circulação, a divulgação dos acervos é uma ação importante, fundamental. Agora, numa sociedade que não é leitora, não basta. Você também tem que formar mediadores. Como um grande contingente de professores do país não é leitor, é fundamental uma ação de capacitação de recursos humanos, com educadores – professores, bibliotecários, pais, agentes culturais, agentes de saúde etc. – sempre com a concepção de que a leitura permeia todas as áreas e não pode ficar confinada aos espaços tradicionais, escola e biblioteca, em que você pode trabalhar a leitura. E é necessário que seja assim. Por isso nós falamos dessa nossa ação de desescolarizar a leitura. Agora, não significa que é retirar da escola o papel de formadora de leitores, não. É ampliar para além da escola, além da biblioteca, para outros espaços, essa ação de formadores e promotores da leitura. E de reescolarizar as práticas leitoras. A leitura com novas práticas. E não reforçando as práticas que são utilizadas, hoje, em algumas escolas e que são inibidoras. Esse trabalho de capacitação estamos desenvolvendo em parceria, no país, com as universidades, secretarias estaduais e municipais, prefeituras, entidades da sociedade civil, pesquisadores, estudantes, pais, enfim, com todos os interessados. É uma ação mobilizadora. Ela possibilita uma convivência pessoal com os leitores e as diversas linguagens, descobertas de práticas leitoras e aí a pessoa, seduzida pela leitura, ela, leitora, vai mobilizar outras pessoas. É um investimento na descoberta das pessoas, das suas relações afetivas, pessoais e sociais. Com seu trabalho, seu grupo, sua família...

E - Essa formação de agentes o Proler já desenvolveu em mais de um estado brasileiro ou apenas no Rio de Janeiro e na Bahia?

G - Nós já estamos em alguns estados e começamos o trabalho principalmente nas regiões do interior. Na Bahia, começamos em Vitória da Conquista e a rede regional já envolve 19 municípios. Na Bahia também, em Feira de Santana, envolvendo 20 municípios. Também em Salvador: a grande Salvador e municípios próximos. No Espírito Santo estamos trabalhando em três pólos: Vitória e seus municípios vizinhos; na região Sul do estado, tendo como pólo Cachoeiro de Itapemirim, e, na região Norte do estado, com o pólo sediado em São Mateus. Em Minas Gerais, o trabalho começou na região da Zona da Mata, em Viçosa, em parceria com a Universidade Federal de Viçosa e a prefeitura municipal, envolvendo, inicialmente, seis municípios. Também começamos, recentemente, em Juiz de Fora, envolvendo os municípios próximos. Outras regiões mineiras já estão articuladas, como a região de Governador Valadares, Passos, Muriaé e a região do Triângulo Mineiro que envolve Uberaba, Uberlândia e outras cidades. No Rio Grande do Sul, nosso trabalho começou em parceria com a Universidade de Passo Fundo: a cidade de Passo Fundo e mais 12 cidades vizinhas.

E - Esses pólos irradiadores são escolhidos pelo Proler ou o Proler é procurado?

G - O Proler é procurado. Nós vamos para onde somos convidados. Nós temos esse cuidado e essa prática. Em São Paulo fomos procurados por algumas regiões, inclusive a capital e Campinas, mas quem começou, agilizou, deu o primeiro passo, foi Santos. Santos reunindo as cidades vizinhas: São Vicente, Cubatão e outras. Lá o trabalho já está bastante articulado. Em Goiás, nosso trabalho teve início em parceria com a universidade federal, em Goiânia, e depois com a casa Cora Coralina, em Goiás Velho. O trabalho vem crescendo lá, na antiga capital. No Acre o trabalho é na capital. Rio Branco tem mobilizado o interesse das cidades vizinhas.

E - E no Nordeste?

G - Interessante. A postura dos estados do Nordeste tem sido estranha. Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Alagoas só procuram saber do Proler. Além da Bahia, nós estamos trabalhando em uma parceria efetiva com a Paraíba. Um trabalho começado em João Pessoa. Os demais estados vêm, procuram, querem saber, acham que já fazem o que fazemos... Acham que não precisam, depois vem um outro e diz que precisa muito, mas não há um deslocamento. Agora temos recebido pessoas interessadas do Piauí, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco. Já temos um contato com Aracaju, Sergipe. Esperamos que nos próximos anos possamos começar um trabalho no Nordeste. A região Centro-Oeste, Mato Grosso do Sul também já demonstrou interesse.

E - São as universidades que dão os primeiros passos?

G - Também. Mas eu diria que são as prefeituras que procuram mais. As universidades vão chegando... Hoje já há uma demanda significativa das universidades. Tanto as federais, estaduais, quanto as particulares. São as universidades saindo de um enclausuramento e procurando trocar saberes.

E - O balanço desses dois anos de ação é muito positivo, então?

G - Penso que sim. O Proler foi instituído no dia 13 de maio de 1992. Nós temos aí dois anos, no próximo, vamos para o terceiro aniversário. Tem contribuído muito para a rápida presença do Proler, na grande parte das regiões brasileiras, essa postura de chegar aonde somos convidados. Os técnicos vão uma primeira vez, dão notícias do progama e passam a conhecer os trabalhos que estão em andamento na região e articulam o contato com eles. E, quando é possível, fica constituído um comitê regional que assume o papel de articulador e provocador da formulação de um programa de promoção da leitura

Digitalizado com CamScanner

com os municípios interessados, envolvendo as instituições, entidades, grupos e pessoas comprometidas. Desenvolvemos um trabalho inicial de saber das experiências, das propostas, das idéias e dos envolvidos e interessados... Há todo um trabalho de envolvimento. Simultaneamente, o de valorização das iniciativas locais em curso. Chegamos para conhecer, articular as propostas e estimular a ampliação das ações. E, nesse esforço, o Proler vem multiplicando suas relações com interlocutores de outras áreas como: saúde, meio-ambiente, transporte, instituições militares, turismo e comunicação.

E - E a participação das pessoas?

Agora, em Feira de Santana, um professor com 30 anos de magistério disse: "Pela primeira vez eu saio de um encontro de capacitação não levando material nenhum, mas me levando para a vida, para o trabalho." Ele, como sujeito, tornando-se leitor criativo, crítico, com discernimento de seu papel de educador. São essas manifestações, de aparecimento isolado, que vão sinalizando para nós o caminho. Pessoas que se estão transformando e, quando elas se mobilizam para se transformarem como pessoas, estão também estabelecendo novas relações nos espaços de atuação profissional. O que acontece nessas ações de capacitação que desenvolvemos atráves dos seminários, dos módulos, é a criação de uma 'ambiência' com a leitura e isso tem possibilitado a redescoberta e o resgate da dignidade dos educadores como sujeitos criadores e críticos. Nesses módulos, trabalhamos privilegiando a literatura de ficção, a poesia, mas também são trabalhadas outras linguagens como a imagem (cinema, televisão, teatro, artes plásticas). Outra questão a que oferecemos uma atenção é a leitura da oralidade. O país é muito rico em oralidade. Contam-se mitos, lendas, fábulas, contos, histórias, a toda hora, nas comunidades. E há grupos de teatro, poetas, músicos, contistas, contadores, os que conhecem a culinária regional, os radialistas... É necessário envolver essas pessoas, considerar o papel de cada um na sociedade, valorizar esses papéis, contribuir para projetá-los. Também os chamados grupos independentes, que não são vinculados a instituições ou entidades, mas que produzem opiniões, promovem debates, discussões, reflexões, sobre os atos políticos, administrativos e têm credibilidade junto às comunidades, podem participar mais intensamente.

E - E essa atuação do Proler encontra eco nos mídia? Como um jornal, uma televisão, podem se envolver ou serem utilizados para ampliar a ação do Proler? Existe essa possibilidade?



G - Existe. Nós não temos recursos para pagar uma grande campanha através da mídia, mas esse trabalho que nós temos feito nas regiões vai envolvendo a televisão local, os jornais, as rádios, não só divulgando as atividades, como abrindo espaço para os contadores de história, para os comentários dos livros, para os programas culturais. Tem-se ampliado o espaço de notícias para as atividades com a leitura. E, principalmente, dessa forma: através do envolvimento. Nos municípios em que temos parcerias, a mídia tem sido também uma parceira na divulgação e na difusão, de forma ampla, da leitura e do livro. Nós temos uma notícia de que, neste ano, as editoras – em torno de 1.200 – estão lançando no mercado 33 mil títulos. Um montante de 950 milhões de exemplares. Só que, desse montante, 78% de livros são didáticos. Um número muito grande. E mais uma parcela de livros técnicos, uma parcela significativa de livros de auto-ajuda, e apenas em torno de 1% de literatura. Gostaríamos que fosse o inverso. Se pensarmos que há 950 milhões de exemplares circulando no Brasil, e que apenas 1% é de literatura... Mas 1% são 9 milhões e meio de livros, o que é considerável. Só que esse número de exemplares não pode ficar confinado nas bibliotecas, nas livrarias. Tem que circular, tem que estar nos lugares onde as pessoas estão. E nas investigações dos vários estudiosos, pesquisadores, em vários segmentos sociais e profissionais, a grande resposta para a não convivência com a leitura surpreende. "Por que você não lê?". E a resposta imediata é: "Não tive oportunidade." Ou: "Até comecei a ler em casa com meu avô, com meu pai, minha mãe, mas na escola parei". Isso acontece, mesmo nos segmentos com escolarização de terceiro grau. As respostas, parecidas, são interessantes para você estudar formas de enfrentamento para a questão. Ouvimos sempre, também, as pessoas dizerem: "Não leio porque não tenho dinheiro para comprar livro." Então você percebe a importância social das bibliotecas públicas. Eu não tenho dinheiro para comprar um livro mas posso ir a uma biblioteca e pegar um livro emprestado. A biblioteca tem que oferecer mecanismos facilitadores para o interessado levar o livro por um tempo dilatado, para que ele possa renovar esse tempo, para que possa ler no trabalho, no trajeto de casa para o trabalho, no seu lazer, fazer leitura coletiva... Esse bem social que é o livro, que a sociedade concebeu como um bem dos eruditos, das elites, pode ser democratizado, socializado. O país precisa investir nas bibliotecas públicas, ampliar esses acervos para empresas privadas, canteiros de obras, usinas, fábricas, centros comunitários... Facilitar o empréstimo, organizar atividades de práticas leitoras. Está aí a importância social das bibliotecas públicas. E elas não podem ficar confinadas. Precisam sair com caixotes, com cestos, com bicicletas, com mochilas, com bacias de livros, nas ruas, nas praças, nas estações... E esse movimento alterar o perfil das edições brasileiras. Porque o livro didático é distribuído pela FAE, pelos governos federal, estaduais, mas muitos desses livros, mesmo chegando ao seu destino, empobrecem ainda mais o processo de formação educacional... O desejo é que isso fosse o inverso. Que nós tivéssemos 78% de literatura circulando, nas escolas, nas mãos dos alunos... E também que houvesse alguns livros didáticos ricos de informações e estimuladores da leitura. Agora, esse perfil é que é perverso, é cruel: 78%... Alguém está lendo por alguém e para alguém. Temos uma sociedade em que um número pequeno de leitores lê por um número grande de pessoas. É como se nós pensássemos como a mídia e o marketing pensam: "Qual o potencial de consumidores do Brasil?" "São 30 milhões." Então você vai trabalhar com 30 milhões de consumidores. 120 milhões são excluídos. Ou, 120 milhões ficam com a rebarba, a sobra dos 30 milhões. Nós não estamos pensando em formar, incluir os 120 milhões nos consumidores. Nós queremos que os 120 milhões sejam cidadãos. E a leitura pode contribuir para que eles adquiram esse status. E não sejam excluídos, marginalizados. Acreditamos que, com o crescimento desse movimento de leitura no país, esse perfil das edições se altere e a gente possa ter livrarias, editoras, valorizando a literatura, com a presença dos leitores adquirindo livros, as bibliotecas valorizando as estantes de literatura. E, ainda, acervos de literatura em agências bancárias, agências de serviços também oferecendo isso aos seus usuários. Que o cliente do banco também tenha a possibilidade de levar um livro emprestado... Das agências dos Correios... Esse é o desafio do Proler. E trabalhar uma concepção, na sociedade, de que a leitura não é apenas um direito dos acadêmicos. A leitura é um direito de todos. E que você possa, convivendo com a leitura, desenvolver a sua participação na vida da comunidade, do país. Que a leitura ofereça essa possibilidade de você interagir com o seu entorno, o social.

Digitalizado com CamScanner

NOTÍCIA

AÇÕES DO PROLER

O **Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler)**, da **Fundação Biblioteca Nacional,** encaminha-se na direção do fortalecimento e articulação de experiências na área de leitura, realizadas nas diversas regiões do país, por iniciativas de grupos governamentais e não-governamentais. O fortalecimento e a articulação representam estratégias básicas, no sentido de que o programa não tem como objetivo o desenvolvimento de projetos isolados ou promoção de eventos esporádicos, mas abre-se para um leque de ações que visam à sistematização e continuidade de trabalhos na área da leitura. Trata-se, portanto, de um Programa que se oferece como *assessor de ações regionalizadas de promoção da leitura,* como parceiro de instituições diversas para a formação de recursos humanos e para a busca de apoios econômicos em linhas complementares a esse trabalho.

O **Proler** trabalha com ações básicas visando à constituição de uma sociedade leitora numa troca de experiências de leitura, através da formação de uma Rede Nacional de Leitura, uma das suas metas. Essas ações podem ser assim especificadas:

1. **Formação de Recursos Humanos.** Será feita em etapas de cinco módulos, pelo menos, seguindo um direcionamento pedagógico/temático:

1º linguagem/sociedade/cidadania – leitor/mundo (sensibilização)

2º literatura/memória/aprendizagem – leitor/texto (interação)

3º discurso/história/interdisciplinaridade - leitor/contexto (recepção)

4º significação/enunciação/comunicação – leitor/teoria (interpretação)

5º intertextualidade/crítica/escrita – leitor/produção (expressão)

Como é impossível a prática compartimentada destes tópicos, opta-se pela ênfase seqüenciada, uma vez que todos se apresentam recorrentes em todo o processo, em cada um dos módulos;

2. **Dinamização de Acervos.** Esta ação visa à constituição e circulação de acervos públicos e privados, prevendo um desenvolvimento de práticas leitoras em espaços de leitura;

3. **Formação da Rede Nacional de Leitura.** O Centro de Referência e Documentação (CRD) está sendo instalado na Casa da Leitura (sede do **Proler**), prevendo pesquisas, organização e tratamento de acervo especializado, com atendimento ao público para consulta. O CRD será informatizado, contribuindo para o intercâmbio de experiências, previsto na formação da Rede Nacional de Leitura. O Banco de Dados do CRD está reunindo as publicações sobre leitura, teses, pesquisas, relatos de experiência etc.

De acordo com a demanda, quando solicitado, o **Proler** mobiliza alguns de seus técnicos para organizar um contato entre representantes de entidades locais – escolas, universidades, bibliotecas, secretarias de educação e cultura, transporte, saúde, lazer, fundações, clubes de serviços, empresas etc. – a fim de que se conheçam as possibilidades de uma ação regional. Forma-se um comitê local interinstitucional, integrado por profissionais de áreas diversas, que principia o levantamento de dados e as condições do trabalho que o **Proler** desenvolverá na formação de recursos humanos, contando com um núcleo pedagógico assessor de trabalhos na região. Além dos trabalhos de promoção de leitura, a partir de acordos com o comitê, o **Proler**, paralelamente, tem sido parceiro de entidades diversas para o incentivo ao ato de ler. Para a realização dos módulos, são convidados especialistas de áreas diversas do conhecimento e de variadas regiões do país, para que possa haver integração através de práticas leitoras distintas. Esta postura metodológica objetiva a diversificação dos possíveis horizontes de leitura dos participantes, no que diz respeito à formação do leitor. O Programa tem como pressuposto que a leitura é uma atividade permanente na condição humana, quer se tenha ou não consciência dela, e que o domínio do processo leitura/escrita não independe da leitura do mundo que os indivíduos venham realizando, ao formalizar-se o domínio do código gráfico da língua materna. Lemos o mundo desde que nascemos e nossas ações decorrem desta leitura – ela tem, portanto, uma dimensão semiótica.

O **Proler** tem em vista que a leitura é um exercício de interação de várias ordens, mobilizadas pelo leitor frente ao texto, a partir de suas vivências, suas histórias de leitura, suas habilidades de percepção e reflexão, donde a importância de atualizar "memórias" em relação à leitura de mundo – filtrada pela interpretação. A leitura é mediada pelas linguagens em que se materializam os sentidos para os interlocutores, com reflexo sobre as práticas sociais. Seu exercício pleno pode contribuir para a análise crítica do cotidiano, levando à participação social mais coerente com uma consciência dos direitos e deveres da cidadania.

Digitalizado com CamScanner

FICÇÃO

OLHO MÁGICO

Eliana Yunes

A casa era de assombros, diziam os vizinhos. Ruídos noite adentro, rumores dia afora. Fazia já tempo que as coisas andavam assim. Nas redondezas reclamava-se do abandono a que se entregara o belo casarão. O mato crescera ao redor, sem que se visse qualquer bela rosa juvenil.

Vista de longe, era apenas uma casa em desuso. De perto, o reboco desprendido, o oco das janelas escuras sem vidros, como que aguardavam um rosto que nunca se punha senão no imaginário. Mas bem, era quase encantada, em cores de poeira, esperando um sopro que lhe desse vida.

Pelas calçadas, indiferentes, à luz do sol, os transeuntes seguiam sem voltear as cabeças. Na penumbra da tarde, porém, cruzavam a rua, instintivamente.

A moça, uma vez de ônibus, talvez pelo ângulo mais alto e amplo, fixara seu perfil pálido atrás das grades então mais baixas e decidira voltar e revê-la com vagar.

O homem, por sobre o portão debruçado, explicava que não sabia dos proprietários; se era caso de herdeiros tão pouco, mas dos atuais moradores, isto sim podia falar. A firma o enviara há meses para o posto, em revezamento, sem especiais recomendações, dissera. Nem advertências.

Mas igual era de dia que de noite. Barulhos de passos ligeiros, ares súbitos ao pé do ouvido, frios e calores repentinos, suspiros inaudíveis como sussurros, quase assustadores: de verdade estavam ali. Quem, não sabia.

Várias vezes vieram interessados que a circundavam (estava cerrada). Sombreavam com as mãos os olhos para enxergar através das portas envidraçadas e nunca mais voltavam.

Não é que os assombros molestassem demasiado os vizinhos mas a casa, em si, era um ponto cego no quarteirão iluminado, inconveniente para uma bonita rua em aclive, edifícios novos, com pequenos terraços e balcões floridos.

Fora a leilão duas vezes, garantida a compra por imobiliárias ágeis para incorporações. Como por milagre, ficara suspenso o martelo. Nestes dias os movimentos eram mais intensos, tanto dentro quanto fora da casa, como em expectativa.

A moça olhava para as linhas clássicas da construção se perguntando por sua idade e o homem respondia como se a conversa seguisse em voz alta, que tinha cem anos cumpridos. Ela, emudecida, pensava nas pessoas que a teriam habitado, e ele, falante, puxava um diálogo inaudível: as primícias das bodas, depois a casa de escoteiros, o clube de marinheiros, a escola de música, salões alugados para festas e por fim nos consultórios médicos, o desalento dos diagnósticos.

Estava seguro de que os moradores agora eram, como dizer? Desluzidos, disse. Como se quisessem sair e não pudessem, batiam asas nos vidros, trombavam com paredes espessas e ao mesmo tempo estavam nas folhagens noturnas, nas sombras do dia, espiando o mundo, estranhos prisioneiros de um espaço sem fronteiras, pensou a moça.

Depois apertou os olhos para ver melhor e lembrar: a casa povoada de memórias que se recusavam morrer e desaparecer em pó na desconstrução. Onde habitariam quando se as esquecessem?

Dias depois voltou: foi enfileirando os volumes por sob as grades, sob o olhar surpreso do vigilante e a suspeição curiosa da vizinhança desperta àquelas horas. Não disse palavra. Não se benzeu. Abriu as páginas, amarelecidas, em branco.

Nos livros da biblioteca que inventava, a ficção se instalou sem hesitações: sussurros e passos cobraram traços e formas legíveis por outros olhos, mãos tecendo sonhos quase inexistentes, personas entre portas abertas do imaginário, em janelas entreabertas do real. Livros como casas, realizou.

Desencadeado, o casarão subitamente: bruxas e fantasmas, monstros e unicórnios, homens e fatos. Adormecidos nas páginas, aguardam apenas um leitor encantado para volver à vida: a casa e nela todo o mundo.

Pacífica, a moça desceu a lombada, saboreando a trama e a letra.

Rio, 13.10.93

Digitalizado com CamScanner



LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** São Paulo, Ática, 1994.

Autora dedicada ao tema dos "usos e abusos da literatura na escola", Marisa Lajolo vem colecionando palestras, reflexões e artigos sobre a questão da leitura e reúne alguns deles sob título exemplar: no percurso que vai da literatura infantil, passando por complexidades como a poesia e o uso do livro didático na formação de leitores, até a grande aventura de tornar-se interlocutora de Lobato e Machado, a autora oferece matéria-prima de reflexão para educadores com a leveza de uma escrita percuciente.

12

VARGAS, Suzana. **Leitura: uma aprendizagem de prazer.** Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.

Poeta, técnica da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e depois do DNL, Suzana Vargas freqüentou as primeiras rodas do Proler, na Biblioteca Nacional, e, da sua experiência preparando oficinas, nasceu o título que registra, de forma breve e bastante acessível, sua compreensão da leitura. Faz uso de pressupostos já familiares aos que transitam da vivência acadêmica de textos literários para práticas mais diversas da convivência com o texto. Escrito em uma linguagem direta e de forma didática, é uma iniciação à formação básica.

RESENDE, Vânia Maria. **Vivência de leitura e expressão criadora**. São Paulo, Saraiva, 1993.

Vânia é uma pesquisadora de práticas leitoras desde os tempos de professora universitária. Abdicou para dedicar-se ao projeto Livraria Menino Maluquinho que, mineiramente, foi-se expandindo da loja para a praça e é referência para quem trabalha neste campo. Requalificando e ampliando obra anterior, procura desenvolver mais a reflexão e confiar menos nos modelos, o que resulta em um texto sólido de teoria e prática de leitura. **(E.Y.)**

Digitalizado com CamScanner



CARNEIRO, Ângela; NEIVA, Lia; ORTOF, Sílvia. **Chamuscou, não queimou.** Ilustrado por Mariana Massarani, Roger Mello e Elizabeth Teixeira. Rio de Janeiro, Ediouro, 1994.

Uma série genial de obras escritas e desenhadas a seis mãos, utiliza a velha sabedoria de "uma história puxa outra" que não é senão a mesma, vista por outro ângulo ou olhar. Inteligente, lúdica, sagaz, cada título da coleção é um primor para leitores de qualquer idade.

MURRAY, Roseana. **Três velhinhas tão velhinhas.** Belo Horizonte, Miguilim, 1994. Ilustrado por Elvira Vigna.

A jovem poeta se lança em prosa com uma riquíssima história de insinuações sobre a teoria da idade, em que a família, esperando a herança, não está atenta ao modo de vida que palpita nos velhos. Texto singelo em sua poesia, denso pela abordagem, e muito bem humorado.

CRESCENZO, Luciana **Helena, Helena meu amor**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

Uma delicada introdução à mitologia pelo viés do romance aventura. O leitor é levado à Tróia e de lá assiste a uma das maratonas mais importantes de todos os tempos, a Ilíada de Homero, recontada com perspicácia e originalidade, do seu ponto de vista.

MONTELLO, Josué. **O carrasco que era santo**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

Pequeno romance que desenvolve as memórias de Tia Bilu e o caso das condenações à morte, sempre dribladas por Frei Ludgero sob os olhos do rei. A linguagem fluente da narrativa prende o leitor, convidado a seguir os percalços da trama na esperta perspectiva da rememoração. **(E.Y.)**

Digitalizado com CamScanner

DEPOIMENTO

A LEITURA NO RIO DE JANEIRO

Sonia Krammer e Solange Jobim, professoras na PUC-Rio e Uerj, realizam uma pesquisa sobre a situação da leitura no Estado do Rio de Janeiro. Para isto, ouviram 19 professoras da rede estadual de ensino. O depoimento de Sonia e Solange ao jornal ***Entreler*** *trata da experiência de leitura que as professoras ouvidas trazem para a prática pedagógica.*

Sonia diz: "Nós temos um relato bastante diversificado, mas é importante dizer que, nas entrevistas que fazemos, buscamos criar espaços de narrativas para que os professores falem de suas histórias de vida. Uma coisa que salta aos olhos é o papel que não é desempenhado pela escola: estes professores têm uma experiência onde a figura do pai, da mãe, de uma tia ou irmã mais velha exerceu uma função fundamental no gosto pela leitura. E, ao mesmo tempo, eles relatam que a escola, a partir de um determinado momento, é o espaço da leitura obrigatória; a leitura passa a ser *da escola* e não *na escola*."

Para Solange, há um aspecto – que ela considera muito interessante – a ser destacado: "Tem sido muito revelador observar como esses professores se surpreendem com o fato de serem convidados a falar sobre suas histórias de vida, porque eles têm uma visão muito desfavorável da sua profissão e, na maioria das vezes, esta desvalorização recai sobre eles próprios. O que ocorre é que, cada vez que alguém demonstra interesse em saber o que os levou a serem professores, eles começam a rememorar fatos passados, redescobrem a si próprios no relato de suas histórias e um outro lado começa a se revelar. Eles se surpreendem ao ouvir a própria voz e percebem – muitas vezes, através da riqueza do seu relato – o quanto a história de cada um, por mais singela que seja, é plena de vida e, por isto mesmo, sempre muito interessante.

Algumas das pesquisadoras, diz Sonia, contam que, ao procurarem um professor ou professora para entrevistar, às vezes, recebem como resposta o seguinte: "Eu? Você tem certeza que é comigo que você quer fazer a entrevista? Não é melhor você procurar um professor da escola particular?" Há também depoimentos deste tipo: "Eu não quero falar sobre isto, procure 'fulano' que ele pode falar melhor do que eu". Isto significa, diz ela, que não se pode idealizar ou generalizar. E acrescenta: "Este é um cuidado que tomamos. Enfim, a entrevista é feita neste espaço ambivalente: recuperar a trajetória do sujeito e, ao mesmo tempo, inserir e abrir um *novo espaço* ou um *espaço para o novo* na própria história de cada um".



Solange diz que, durante as entrevistas, percebe-se uma ruptura que chamou muito a atenção: "A vida deles (dos professores) e a prática pedagógica eram tratadas como duas coisas em separado, quer dizer, quando falavam da experiência de vida, eles tinham uma maneira de se colocar, de lidar com a linguagem e o afeto, totalmente diferente daquela que se apresentava quando se tratava de falar da prática pedagógica. Este foi um dos maiores aprendizados da nossa pesquisa: o de como, na contemporaneidade, a vida e o trabalho são dissociados...

Sobre a relação entre universidade e as políticas públicas de educação e de apropriação e diálogo, Solange diz o seguinte: "Eu acho que, como em quase tudo, em Educação – pelo menos neste país – nós deveríamos buscar primeiro a questão da diversidade. É essencial pontuar qual universidade, qual município, qual estado... Mas, em geral, esta é uma interação difícil. Freqüentemente não é uma interação institucional; na maior parte das vezes não existe uma política integrada de trabalho entre as instituições. Existem esforços isolados, pulverizados, de profissionais que estão insatisfeitos e procuram encontrar saídas novas. A questão maior é de como fazer chegar o conhecimento que é produzido nas universidades e nas instituições de pesquisa, viabilizando-o para um público que está fora deste espaço, ávido de encontrar caminhos novos e mais eficazes, que dêem conta das dificuldades que enfrentam, cotidia-

Digitalizado com CamScanner

namente, no âmbito de suas práticas profissionais. É bem verdade que hoje já percebemos uma nítida transformação nesta relação. A academia tem dado conta de que não é possível construir conhecimento sem um diálogo mais estreito com a própria prática, no caso, com os próprios professores que estão nas salas de aula, mais próximos às crianças, e mesmo às secretarias. Há, sem dúvida, uma integração maior entre trabalho teórico e prático, embora muitas lacunas ainda precisem ser superadas."

Já Sonia diz: "No caso específico do Rio de Janeiro, este é um estado que, se comparado com os outros, colocou esta interação como muito difícil. Se você pegar como exemplo o fato de que no estado de São Paulo – quando ainda não havia eleições de diretores na escola – a Secretaria de Educação fazia concurso para direção, enquanto no Rio de Janeiro havia nomeação, isto nos dá um quadro de como era quase impenetrável a contribuição da universidade.

Sobre a existência ou não de debate com os professores da rede, Sônia acha que, em grande parte das vezes, as secretarias bem como as universidades são extremamente autoritárias. E explica: "Parece que tentam dizer ao professor: 'Esqueça sua história e comece tudo de novo', como se isso fosse possível também, e se possível *desejável*. Uma secretaria não tem o direito de dizer, para uma rede de milhares de professores, qual método deve ser usado para os professores respeitarem os conhecimentos das crianças..."



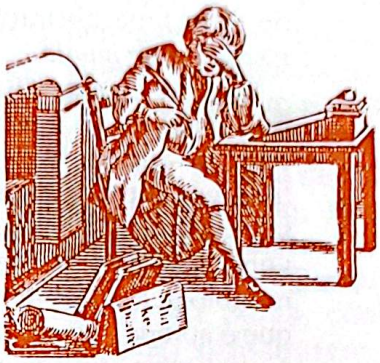
Solange não pensa muito diferente: "Eu acho que a Universidade vinha apresentando uma postura de estar muito encastelada, produzindo um conhecimento em torno de si mesma, para ser 'consumido' no seu interior, pelos próprios pesquisadores. Alguma mudança vem-se dando, pois a academia já percebeu que, se não abrir suas portas e sair para a 'rua', se não se aproximar da vida concreta que pulsa no cotidiano das relações sociais, este conhecimento não se irá renovar, e corre o risco de virar uma abstração do *eternamente igual*."

Sonia acrescenta: "Bakhtin nos ajuda muito a perceber isto, quando ele fala da 'palavra monológica'. De fato, com freqüência, a universidade tem na palavra monológica a definição do que é aprendizagem, do que é alfabetização, do que é educação... E, deste modo, a palavra dos professores é negada. Eu espero que, cada vez mais, venham a ser construídos *diálogos*, mas no sentido polissêmico de Bakhtin; de muitas saídas possíveis, historicamente situadas, que não apaguem a história anterior nem da secretaria, nem da universidade e nem dos professores."

A eterna capacitação de 'malformados' é vista por Solange da seguinte maneira: "A idéia de capacitar parte do princípio de que alguém é incapaz, assim como a idéia de reciclar parte do princípio de que alguém vai jogar fora o velho e absorver o novo. Essas propostas geram no professor reações de descrédito, de cansaço, de aversão. E, assim, desgasta-se a teoria, perde-se uma boa intenção, descaracteriza-se uma certa alternativa prática porque a forma com que se trabalha contraria o conteúdo. Por exemplo, fala-se muito *sobre* linguagem, mas não se constrói um espaço de *produção* de linguagem. A maior crítica que eu faço a essas políticas de formação, em serviço, é que elas são desvinculadas de toda uma política que coloque na carreira, no avanço de escolaridade, alguns benefícios para reconhecer o esforço objetivo que significa este investimento na qualificação."

O mesmo problema é analisado por Sonia: "Eu entendo que a formação é um direito do professor e não um favor concedido por uma secretaria. E, sinceramente, não acredito em nenhum projeto mirabolante, sem se garantir um nível de prestígio, da valorização – mais do que isto. Eu até fico procurando uma palavra mais forte – porque o prestígio social do professor está ligado ao salário e à perspectiva de ascensão real. Nós temos discutido tanto a questão da cidadania, mas como é que o professor pode tornar seus alunos cidadãos se ele mesmo não tem tido respeitados seus direitos de cidadania? Da mesma maneira, indagamos na pesquisa: como pode um professor que não gosta de ler ou escrever tornar seus alunos leitores e escritores? Porque, vejam: a leitura é um prazer e não se pode obrigar ao prazer... Mais do que formar o hábito de ler, trata-se então de criar o gosto de ler... Ou seja, políticas de formação de professores precisam ser consideradas no interior de toda uma política cultural.

Digitalizado com CamScanner



As publicações do Proler/Casa da Leitura estão chegando: os *Cadernos de Leitura* abrem espaço para os colaboradores dos módulos registrarem seus pensares/fazeres em textos que também fazem a memória dos Encontros. Nas séries *Ler&Pensar* e *Ler&Fazer* aparecem reflexões que sugerem os diferentes ângulos de abordagem teórica e prática no trato com a leitura. Já estão circulando os periódicos sobre o *Proler,* além dos jornais *Ao Pé da Letra* e *Folha da Casa da Leitura,* também fontes de informação corrente para os núcleos. Avulsos podem ser solicitados à Casa da Leitura: a publicação do *Simpósio LER* e a edição das *Reuniões Internacionais de Políticas de Leitura.*

Casa da Leitura/Proler
Rua Pereira da Silva, 86
Laranjeiras - 22221 - 140
Rio de Janeiro-RJ

Digitalizado com CamScanner